

Índice

Como os “millennials” aprendem a ser pais.....	1
“O instinto maternal é fabuloso”.....	3

Como os “millennials” aprendem a ser pais

Aprender a ser mãe ou pai está hoje ao alcance de um clique, ou de passar por uma livraria e comprar um desses livros estilo “tudo o que quis saber sobre determinado assunto e nunca se atreveu a perguntar”. Na era da informação, não haveria desculpa para não estar atualizado sobre o que aconselham pedagogos, educadores ou *coaches* a respeito do modo de um progenitor proceder com o seu filho, vista ainda fraldas, ou já esteja a pensar num curso universitário.

Um artigo no [“The Wall Street Journal”](#) (31.1.2019) descrevia assim a situação: “A literatura moderna sobre a criação dos filhos apresenta este tema como uma tarefa difícil. Fazemos nós próprios a comida para bebés, ou arriscar-se a torná-los dependentes do açúcar. Se deixarmos que a criança, quando estiver aborrecida, fique a brincar com o nosso telemóvel em vez de o fazer com blocos de madeira obtidos de forma sustentável, estamos a convidá-la à delinquência. Tais conselhos têm por base, muitas vezes, ajudar os pais a criar os seus filhos ‘naturalmente’, como se no passado as crianças tivessem sido criadas de uma maneira ideal”.

O interessante, conforme explica a humorista Jennifer Traig, mãe de dois filhos e autora do livro [“Act Natural: A Cultural History of Misadventures in Parenting”](#), é que ao longo da história e nos mais diversos sítios, as pessoas fizeram “as coisas mais absurdas” na criação dos filhos, como permitir-lhes brincar com facas, deixá-los que dormissem debaixo de intempéries, evitar que comessem legumes por serem “perigosos” e, pelo contrário, dar-lhes cerveja, e contar-lhes contos de fadas em que ocorriam assassinios cruéis. “Porque será que pensamos importar tudo isto? As melhores investigações

revelam que há uma influência muito pouco relevante. Acima de determinado limiar, o modo como tratamos os filhos é indiferente”.

Mas a evidência de que aparentemente não há grandes traumas parece não bastar. Se hoje, afirma Traig, podemos sentir pena dos que defendiam, no século XIX, que 99 % dos casos de nanismo ou de malformação física se deviam à “insensatez”, ao “mau comportamento” ou à “negligência” das mães, alguns assumem um ar muito sério quando concordam com os argumentos de certos “especialistas” a assegurar que a creche vai arruinar a vida da criança para sempre.

O próprio questionamento de uma instituição como a creche pode servir de exemplo de como se fomenta aquilo que Traig denomina “neurose parental”. A existência deste tipo de centros respondeu a uma necessidade universal: os pais precisam de um sítio seguro onde deixar a sua prole enquanto trabalham. Mas se alguns começam a teorizar negativamente sobre isto, simplesmente criam um problema onde não existia. “Muitos dos mais espinhosos temas a respeito da criação dos filhos”, diz a autora, “como a resistência a irem dormir ou os caprichos que têm a respeito da comida, iniciaram-se quando começámos a procurar consertar algo que não estava quebrado”.

E claro: para cada nova preocupação artificial existe uma solução... que já iremos encontrar nos livros, sítios *web* ou conferências pagas de determinados especialistas.

Entre o ideal e o concreto

“O Google é o novo avô, o novo vizinho, a nova ama”, citava há uns tempos o “The New York Times”, Rebecca Parlakian, diretora da organização Zero to Three (De Zero a Três), que estuda a paternidade. Para muitos *millennials* (os nascidos entre 1980 e 2000), a afirmação está presa à realidade: se há uma urgência a enfrentar, deve recorrer-se ao célebre motor de busca para, teclando algumas palavras e carregando no *Return*, abrir as portas a milhares de respostas.

Precisamente graças às maravilhas da tecnologia, a “Ace-prensa” pôde contactar com vários progenitores *millennials* (*parenials*, como diriam os norte-americanos) para saber como influiu o fácil acesso aos conteúdos digitais no *parenting* (criação dos filhos) em termos da forma como a fizeram com eles.

O jornalista Charly Morales, a partir de El Salvador, diz ter seguido um sítio *web*, “[Baby Center](#)”, “para ter uma ideia de como proceder, mas não lhe ligou mais do que o saudavelmente compreensível. Já nos basta o bombardeamento de receitas e conselhos, pois qualquer um se sente com o poder de ‘iluminar’ os futuros pais”.

Também a sua colega Leslie Salgado, em Havana, teve acesso aos conteúdos do mencionado sítio e aos de um livro com nome bastante genérico: “Natural Parenting”. “A princípio procurei enquadrar a maneira de criar a minha filha com os textos que lia, por exemplo, quanto às sugestões de horários ou refeições, ou ainda jogos. Por vezes, ficava frustrada, porque as coisas não corriam como diziam os textos, mas depois apercebi-me de que cada criança é um mundo e que isso era apenas um guia, generalidades”.

Outra comunicadora, Ivette Leyva, não procurou livros sobre o tema em particular, mas leu o que lhe chegou por via digital, e a sua visão do fenómeno não é de todo positiva: os conteúdos que lê fazem-na sentir que fez tudo mal. “Oprimem, resumindo. É verdade que não se pode ser absoluto nem negar a utilidade do conhecimento, mas como diziam os nossos pais e avós, por vezes é mau saber demasiado. Com os filhos, gostaria de fazer tudo do modo como nos dizem que é perfeito, mas não há tempo: a maternidade não dá tempo para a perfeição”.

A sensação de ter feito mal as coisas “nunca nos abandona”, diz Charly Morales, “sobretudo à medida que o menino ou a menina crescem, porque o processo é complexo. Chegou uma altura em que nos aborrecemos e decidimos confiar mais nos nossos instintos e no que aprendíamos a observar a criança... Por exemplo, já não se sabe se o bebé deve dormir de costas, de cabeça para baixo, ou de lado; se dar-lhe puré quando o assimile, ou que amamente exclusivamente nos primeiros seis meses... A partir da minha experiência, recomendo a todos os pais que façam o que entenderem e vejam que é melhor para os seus filhos, pois, em última análise, eles são a sua prole”.

Outras duas mães narram as suas experiências. Carmen Díaz, engenheira de programação, confessa ter examinado muitos artigos digitais sobre alimentação, comportamentos, etc.: “Às vezes, leio algo que confirma estar a fazer bem as coisas e isso alegra-me. Mas não costumo ficar angustiada se o que faço não está recomendado; procuro sim mudar, tendo sempre em conta que entre o branco e o preto existem muitos matizes”. Algo parecido costuma fazer Judith Llaguno, agente de seguros: “Quando tenho dúvidas sobre temas como o comportamento ou o desenvolvimento psicomotor, vou à Internet. Recolho aquilo que considero apropriado ao que penso poder funcionar melhor, mas não fico pressionada”.

O pediatra, no YouTube

Os *parenials*, diversamente dos seus próprios pais, que só puderam informar da boa nova do seu nascimento os familiares e o bairro, tiveram descendência num mundo bastante mais interligado, onde as fotografias e histórias dos seus bebés são do domínio de amigos, conhecidos, simples contactos do Facebook e, se fosse do seu interesse, inclusivamente da CIA. Se o bebé se ri ou se diz pela primeira vez “mã”, o resto do planeta fica disso informado quase instantaneamente (de acordo com o sítio *web* “[Very Well Family](#)”, 81 % dos *millennials* partilham imagens dos seus filhos nas redes sociais, contra 47 % dos *babyboomers*).

Mas à Internet, além da amostragem, vai-se também para adquirir o *know how*, e o incontável número de blogues sobre *parenting*, assim como os grupos do Facebook ou do WhatsApp, são uma mina para quem tiver dúvidas. Os pais jovens interessam-se, principalmente – como sugeriram anteriormente algumas das inquiridas – pela alimentação, pelo crescimento da criança, pelo desenvolvimento da sua criatividade, por questões de educação... e têm à mão de semear não só conteúdos de texto, como também audiovisuais. A “[Forbes](#)” (5.3.2018) salienta que esta geração de pais vê 2,5 vezes mais materiais no YouTube do que na TV. E a verdade é que ao YouTube têm “ido” igualmente muitos especialistas: pediatras, dentistas, professores...

Será realmente necessário o recurso a tanta informação na *web*, visto que a humanidade se reproduziu e se educou durante séculos sem outro manual a não ser as noções herdadas sucessivamente? Os pais jovens de hoje, serão mais ativos do que os de antigamente na busca de respostas sobre como desenvolver os cuidados e a criação dos seus filhos?

“Penso que sim”, diz José María Contreras, assessor em temas de família. Os pais jovens estão mais preocupados atualmente do que há duas décadas. Vimos de uma corrente em que a sociedade era normativa; portanto, ajudava a educar. Mas estes pais de agora aperceberam-se de que a

sociedade não educa, porque, além disso, viveram-no eles! Por isso, os que querem educar preocupam-se mais”.

Perguntam mais porque também sabem menos, refere por seu turno, Fernando Alberca, master em Neuropsicologia e Educação e professor do ensino secundário. Concorde com Contreas: “As pessoas de antigamente contavam com uma cultura de educação mais comunitária, pois todos contribuíam de uma forma ou de outra para ela. Se uma criança dizia algo impróprio na rua e qualquer adulto a corrigia, a criança deixava-se corrigir”.

O panorama, todavia, teve variações: “Hoje, os pais estão mais sozinhos. Educa-se menos na comunidade em que se vive, de forma que se está fazendo mais na família e, nesse contexto, às vezes não se pode imitar o modelo do pai ou do avô, porque não está lá. Daí perguntarem mais, sobretudo coisas essenciais que se sabiam por cultura geral e agora não se conhecem. Temos menos referências, menos exemplos e, portanto, os pais têm de procurar mais especialistas e ler mais livros para obter informação”.

Seguir exemplos de coerência

Se, conforme reza a sabedoria popular, “nem tudo é só vantagens”, é de presumir que muito menos todo o conteúdo digital sobre *parenting*, nem todo o especialista que se promove como tal nas redes, terão necessariamente o selo do confiável.

Para alguns, um indício de que seria melhor receber com cuidado um conselho ou sugestão profissional, é constatar que experiência concreta tem quem os emite. “É fácil acreditar que sabes o que fazer quando nunca na vida passaste algum tempo junto de uma pessoa”, adverte a já citada Jennifer Traig.

Um exemplo prático, que Traig cita, é a sugestão pedagógica de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), de que “o único costume que se deve ensinar às crianças é que não se submetam a nenhum”. A abordagem enquadra-se perfeitamente com um certo ideal contemporâneo que defende o enfraquecimento da autoridade paterna, falsamente identificada com autoritarismo, de modo a que o progenitor seja, simplesmente, “amigo” do seu filho. A criança, sem os limites fixados pelos mais velhos, desenvolverá plenamente a sua personalidade, sem amarras e sempre num sentido positivo. Ora, observa Traig, se tivermos em conta que Rousseau abandonou a sua prole num orfanato e se privou da oportunidade de demonstrar quão acertada ou não era a sua teoria, a sua sentença é inconsequente, e quem decidir pô-la em prática arrisca-se a um resultado pouco auspicioso.

O dilema, ou um deles, seria então discernir a qualidade do testemunho. O professor Alberca recomenda – sempre que possível, evidentemente – avaliar que tal foi a experiência pessoal dos especialistas e assessores que sejam pais e mães. Quem não tenha conhecimento direto “é simplesmente um acumulador de informação, de estatísticas ou de livros lidos. De tudo isto há de sobra. Faz-nos falta muita mais prática, mais competências, mais virtudes, para saber como se adquire paciência, vontade, esforço, motivação, auto-estima... E deve ensinar-nos isso alguém que o tenha posto em prática e que saiba como funciona”.

L. L.

“O instinto maternal é fabuloso”

Em matéria de criação e de educação, é bom escutar os especialistas, mas sem ignorar a intuição própria.

Os pais *millennials* têm milhares de portas – digitais mais do que reais – a que recorrer em busca de conselhos e sugestões sobre como orientar os seus filhos, num mundo hoje mais sensibilizado com o meio ambiente e com o que é natural, e cada vez mais atravessado pelo politicamente correto. Algumas opiniões de “especialistas” provocam pelo menos um sorriso, como as que sugerem que os pais [peçam licença ao seu bebé](#) antes de lhe mudar a fralda, “para que saiba desde o berço que a sua opinião interessa”.

Talvez por isso alguns destes jovens pais vão-se abaixo. No blogue “[Scary Mommy](#)”, Farrah Alexander titula quase como numa súplica: “Por favor, deixem de dizer aos pais *millennials* que fazem tudo mal”. A comentarista enumera uma série de recriminações que lhes chegam de pais mais velhos ou de especialistas, afirmando que prestam demasiada ou nenhuma atenção aos seus filhos, que são muito brandos ou muito severos com eles, e conclui: “Estamos a tentar dar-lhes [aos nossos filhos] a melhor vida que podemos. Tenham um pouco de fé em que somos capazes de fazê-lo”.

Superproteção

Entre tantas observações há, contudo, algumas mais sensatas do que pedir licença a um bebé. Entre elas, a que alerta contra a superproteção, algo tão atual num contexto em que um arranhão no joelho de uma criança que brinca é quase equiva-

lente a uma ferida em combate. “Um filho é um tesouro, e os pais esquecem-se que, para ele ir amadurecendo como é apropriado, tem de se saber proporcionar-lhe a autonomia necessária de modo a poder fazê-lo”, especifica Álvaro Lucas, diretor do Acepresa Fórum e professor do Centro Universitario Villanueva, em Madrid.

Acrescenta ainda: “Isso não significa despreocupar-se. Em face dos denominados ‘pais helicóptero’ que evitam aos filhos qualquer esforço ou sofrimento, estão os ‘pais falcão’, aqueles que estão pendentes dos seus filhos sem os assediar nem lhes poupar as responsabilidades que podem assumir eles próprios de acordo com a idade e as circunstâncias”.

Também Rocío Meca, terapeuta de família e de casal, salienta o problema da proteção excessiva, e acrescenta que às crianças não têm sido colocados limites “por comodidade”. “Os pais pensam que ser firmes e consistentes é serem duros. Longe disso. A firmeza tem a ver com saber muito bem o que se pretende alcançar, e a consistência com a necessidade de lutar diariamente para construir esse projeto de melhoria pessoal e familiar”.

Há ainda, além disso, a marcada tendência para blindar a criança contra qualquer contratempo, “não vá ficar traumatizada!”. Para Meca, “essas situações têm de ser enfrentadas para que os filhos cresçam e aprendam com os erros. Não é mau cometer erros; mau é não reconhecê-los e, portanto, não assumir a mudança necessária para sair da frustração. É uma lição de vida que todos temos de aprender mais cedo ou mais tarde”.

Colocar sempre a marca pessoal

Perante as inúmeras indicações que apontam em todos os sentidos sobre como criar um filho, os seus jovens destinatários podem acabar saturados e confundidos. Assim, talvez por vezes seja conveniente desligar o telemóvel ou o computador e ouvir a voz interior. “O instinto maternal é fabuloso”, assegura Zuzet Menduiña, uma jovem mãe que preferiu não ficar sobrecarregada: selecionou algumas técnicas sugeridas na bibliografia parental e fez uma adaptação ao seu caso específico.

“Se para um pai são claras as fontes onde informar-se – explica Lucas –, em geral, nunca terá problema em que lhe vão sugerindo novos modos ou maneiras de enfrentar a educação dos filhos, porque o essencial será claro para ele. Tudo deve passar-se pelo filtro do serviço aos outros, do que torna melhores pessoas os nossos filhos, do bom humor e da alegria projetados a longo prazo e não como algo do momento. Se alguma coisa do que lhe é oferecido não estiver vinculado a estes princípios, é melhor seguir o instinto pessoal”.

Para a professora Meca, as sugestões externas “podem ser sempre feitas”, mas são os progenitores que devem dar-lhes a sua marca pessoal. “Posso dizer aos pais que é importante uma criança ter limites e referências no seu desenvolvimento, mas o modo como este critério se aplica, pode variar em cada família. Cada pai ou mãe é quem tem que ver como o integrar, de forma que ele ou ela se identifique com esse princípio educativo e também com a sua personalidade”.

Mais do que de um instinto para saber quando deixar de lado os conselhos de terceiros e dar lugar às decisões pessoais, a especialista prefere falar de intuição e sensibilidade, de ver “quais são as necessidades do outro” – o filho – e tentar satisfazê-las do melhor modo possível. “Deve ser-se empático e estabelecer uma ligação com a outra pessoa para poder ajudar. Corrigir sem estabelecer essa ligação é complicado. Cada pai e cada mãe têm um estilo que cria uma melhor ligação com os seus filhos. Temos consequentemente de explorar e ver o modo de chegar a esse ponto”.

“Também penso ser importante partir do pressuposto de que as orientações externas podem ser uma luz para alterar o ponto de vista, assumir uma perspetiva e a partir daí construir livremente um projeto de amadurecimento com o qual acompanhamos o filho, com tudo o que isso implica”, conclui.

L. L.